

## POLIFONIA DE VOZES EM “A CARTOMANTE”

Elizabete Velloso



**RESUMO:** O artigo apresenta uma análise do conto machadiano “A cartomante”. Sugere-se que o texto é um exemplo esclarecedor do processo de criação de Machado de Assis. O interesse maior está direcionado às diferentes vozes que interagem na construção do narrador machadiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis; ficção brasileira; narrador polifônico.

**ABSTRACT:** The article introduces an analysis of the short-story “The fortune teller”, of the brazilian writer Machado de Assis. The central Idea suggests that the text is a significant example of the process of creation of the writer. The larger interest is addressed to the different voices that intersect in the construction of the narrator.

**KEYWORDS:** Machado de Assis; brazilian fiction; polyphonic narrator.

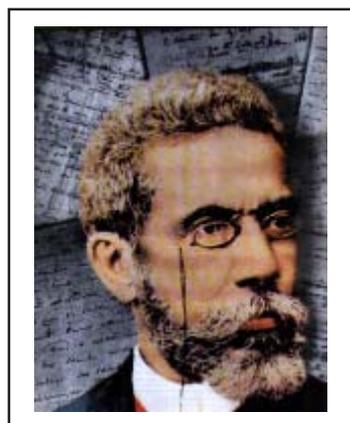
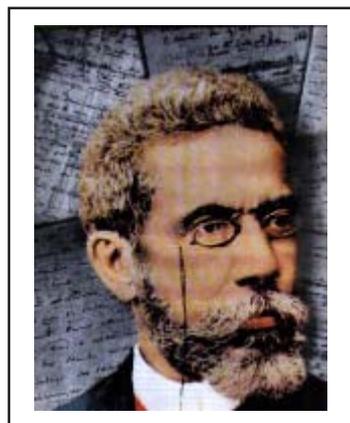
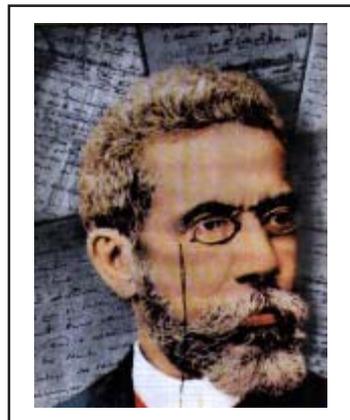


“A cartomante”, de Machado Assis, poderia ser apenas mais um conto de adultério com final passional, onde o marido traído mata a mulher e o amante. Entretanto, a genialidade do velho bruxo não está apenas em transformar a história de um triângulo amoroso num texto de mistério e tensão, mas em dar voz aos diferentes personagens e permitir que estas mesmas vozes se entrecruzem, num diálogo marcadamente polifônico.

No início do primeiro parágrafo, temos já o entrecruzamento de diversas vozes do seguinte modo: o narrador apropria-se de um discurso aceito e instituído, de Hamlet, personagem de Shakespeare, discurso este que, antecedendo seu próprio discurso, empresta-lhe um ar de legitimidade. Mas é importante notar que quem parafraseia o discurso de Hamlet é a personagem Rita. Ou seja, nesta artimanha, quem legitima o discurso da cartomante não é o narrador, mas sim a personagem machadiana. Ele, o narrador, apenas faz o diálogo do discurso de Rita com Hamlet:

HAMLET observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras (Assis, 1962, p. 477 ).

Assim, nessa duplicidade discursiva, temos dois autores dialogicamente intertextualizados: Hamlet e o narrador do conto. Este, por sua vez, também narra em duplicidade: quer pela utilização do discurso do outro, quer pelo sentido deste discurso, que une e questiona três pontas distintas: o céu, a terra e a filosofia, a partir dos quais, entre tantas coisas, tenta explicar os mistérios existentes entre os dois pólos opostos. No diálogo do narrador com Hamlet também se entrecruzam



mais três vozes: 1) a da vidente; 2) a de Rita, que reproduz o discurso da cartomante, através do discurso de Hamlet; e 3) a de Camilo, que representa a descrença, ao rir da atitude de Rita. Camilo, neste momento, ridiculariza os discursos anteriores, que estão em confronto com o dele e emitem opinião diversa da sua. Vejam bem que não é apenas o discurso da cartomante que é ridicularizado pelo rapaz, mas também os demais discursos.

A partir de sua inserção no mundo marginalizado, Rita faz emergir este discurso, colocando-o não em posição de horizontalidade com o seu, que por sua vez é a representação do discurso legitimado na sociedade em que está inserida, mas coloca o discurso da cartomante numa posição elevada, fazendo, pois, a inversão: eleva o que está no baixo plano e rebaixa o que está socialmente no plano elevado.

Isto porque Rita vai buscar respostas para suas dúvidas e inseguranças lá no mundo profano. Ela revela ao amante que o fez às escondidas. Uma confissão da necessidade do outro mundo para, enfim, ter condições de gerenciar a vida no seu.

A duplicidade não está somente em Rita, mas também no próprio Camilo. O narrador afirma que o rapaz é cético e que não acredita em nada, nem em mistérios. Isto, após ele ter completado seus vinte anos. Entretanto, quando criança, viveu no meio das crendices:

Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a

incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando (Assis, 1962, p. 478).

Vejam que Camilo também viveu na liminaridade: entre o sagrado e o profano; entre a religião e a credence; entre o mundo elevado e o marginal. Posteriormente, resolveu negar as duas coisas. Mas o comportamento duplo, que perambula pelas fronteiras, continuou a dominar a personagem, a ponto de tornar-se amante da mulher do seu melhor amigo, sem, entretanto, romper a amizade. Afinal, “eram amigos deveras”.

A tranquilidade dos dois amantes começa a ser perturbada quando Camilo recebe uma carta anônima, cuja autoria não é revelada até o final do texto. Seu conteúdo, entretanto, traduz que o autor sabe do seu envolvimento com a mulher de Vilela, bem como todo o círculo de conhecidos. Dias depois, Camilo recebe uma carta de Vilela, com o seguinte escrito: “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora”. O amante já sabe da desconfiança do marido. O fato foi revelado pela mulher no dia anterior. A partir daí, o rapaz começa a tecer diversas interpretações para a carta. “Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera” (Assis, 1962, p. 480). Vemos, então, que o discurso de Vilela vai sofrendo alterações a cada nova leitura de Camilo. Leitura esta que sai do papel, passa pela memória de Camilo até chegar à voz de Vilela. Ou seja, à medida que o pânico vai tomando conta do amante, o escrito na carta é transformado em eco na mente de Camilo, assumindo a própria voz do marido traído.

Em sua atitude dupla, Camilo fica em dúvida se atende à solicitação de Vilela ou não e quanto mais hesita, maior é seu medo e o escrito passa a soar-lhe em tom de mistério e ameaça, numa comoção crescente. Quando seu

pânico está em clímax máximo, Camilo vê-se diante da casa da cartomante e decide por consultar a adivinha.

Ao sair da calçada, ele encontra um corredor e uma escada. O corredor está, pois numa posição de caminho de passagem - que liga o mundo institucionalizado em que vive Camilo com o mundo marginal em que vive a cartomante. Para penetrar no cômodo em que está a adivinha, é preciso subir a escada. Temos aí, portanto, mais uma inversão: o mundo de Camilo está do lado de fora e no andar térreo e o da cartomante, do lado de dentro e no andar superior. Desta feita, ao aceitar e penetrar no mundo marginalizado, ele é obrigado a olhar de baixo para cima, numa posição de inferioridade.

O novo ambiente mostra-se totalmente diverso do seu, com características que também revelam duplicidade: a baixa luminosidade está na fronteira entre a claridade e a escuridão; entre o sagrado e o profano; entre o mundo elevado e o subterrâneo. Os degraus corroídos da escada mostram a ação do tempo, a precariedade financeira e também o uso constante das solas dos sapatos sobre eles. O corrimão pegajoso pode revelar a falta de asseio, bem como o suor de muitas mãos que por ali deslizam e procuram apoio. Ou seja, mostra que são muitas as pessoas que pertencem ao mesmo mundo de Camilo e que vão até o outro procurar respostas para as aflições.

Quando a cartomante abre a porta, o rapaz já havia antecipado três pancadas na madeira. Ou seja, já revelou a ela sua condição emocional. Ela o leva para o sótão e para tanto é preciso que ele suba mais um lance de escadas a fim de adentrar num cômodo ainda mais escondido. Desta vez, a luz é ainda mais baixa, inserindo Camilo totalmente no ambiente profano, marginal. O contato com o mundo exterior dá-se, ilusoriamente, por uma janela, já que esta mostra apenas o telhado dos fundos.

O ambiente em que a cartomante dá as consultas tem uma outra atmosfera: “Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruíra o prestígio” (Assis, 1962, p. 482). Dessa maneira, o local escuro e pobre, longe de afastar clientes, aguça-lhes a curiosidade, uma vez que aparentemente demonstra caridade por parte da adivinha. Tudo isso remete mais uma vez à questão da duplicidade.

Antes de iniciar a consulta, vidente e Camilo sentam-se diante de uma mesa, opostamente posicionados. Ela, de costas para a janela (de costas para o mundo exterior). Ele, apesar de estar sentado de frente para a janela, tem como única imagem a própria vidente. Ou seja, o contato com seu próprio mundo é bloqueado pela figura da cartomante. E a posição em que estão sentados revela o mundo ao qual pertencem. Ela, de costas para a janela, esconde seu rosto nas sombras e ele de frente, pode ser visto pela claridade, pela luz.

Logo, mostra à senhora uma face sem máscaras e vulnerável ao olhar. “A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo” (Assis, 1962, p. 482). E com a luz refletida no rosto, Camilo é analisado pela adivinha, através dos seus “olhos sonsos e agudos”. O baralho enxovalhado, resultado do uso freqüente, começa a ser utilizado de maneira ritual, até que a adivinha revela o motivo que levou Camilo até ela. O susto de Camilo foi revelado nas suas atitudes, conforme já vimos. Se existe o susto, é natural que ele queira saber qual será o resultado. Entretanto, é o próprio Camilo quem diz que existe uma mulher. Logo, a dedução sobre a possibilidade de adultério não é difícil de ser cogitada e bingo! Ela respondeu o que Camilo queria ouvir: o terceiro não sabia de nada e era necessária muita cautela. É possível esconder um

relacionamento adúltero sem cautela?! Isso foi o suficiente para que ele tivesse de volta a paz de espírito, até então perdida.

De acordo com Bakhtin, “o homem não tem território interior soberano; ele está todo e sempre na fronteira. Ao olhar para dentro de si mesmo, ele olha o outro nos olhos ou pelos olhos do outro” (Bakhtin, 1979, p. 312). É, pois, a liminaridade dialógica que aproxima os opostos e permite que coexistam mutuamente. Isto se dá porque, de acordo com o professor Paulo Bezerra, a partir do seu estudo sobre Bakhtin, “o processo dialógico é uma luta entre consciências, entre indivíduos, no qual a palavra do outro abre uma fissura na consciência do ouvinte, penetra nela, entra em interação com ela e deixa aí sua marca indelével” (Bezerra, 2003). Temos, então, as palavras e previsões da cartomante, que abre inicialmente uma fissura na consciência de Rita e posteriormente na de Camilo, determinando o comportamento dos dois amantes no decorrer da narrativa.

Como pagamento, a esperta “sibila” não pôs preço, deixando ao “ragazzo innamorato” estabelecer o valor da consulta, após ouvir o próprio coração. Qual é o resultado? Ele paga cinco vezes mais do que ela costuma cobrar. Afinal, quanto vale a tranqüilidade?! Não somente o comportamento da cartomante e sua esperteza devem ser observados, mas também o caráter de duplicidade na composição da própria personagem: estrangeira, fala com leve sotaque. Ou seja, não está somente na posição do outro que vem resolver um problema, mas é ainda alguém de fora a resolver um determinado problema de outra sociedade, da qual originalmente não pertence, seja por nacionalidade, seja por estilo de vida.

Após a consulta, os dois descem a escada e ela o leva até a porta que vai dar na rua. Ou seja, é ela quem conduz o retorno de Camilo à própria sociedade. É quando Camilo sente-se

livre. Está fora do mundo misterioso e marginal e liberto das suas aflições. A senhora retorna ao seu lugar, cantando uma barcarola. Mais uma vez, a duplicidade, pois se trata de uma canção de gondoleiros venezianos em compasso binário composto.



Neste ponto, vale observar a nova leitura que Camilo faz do bilhete emitido por Vilela, pois, sem fantasmas e com a paz restituída, o que antes fora interpretado como ameaça, é lido agora como sendo íntimo e familiar:

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo (Assis, 1962, p. 483).

Com a paz restituída, Camilo não tem medo e sente a magia da felicidade, como nos revela o narrador:

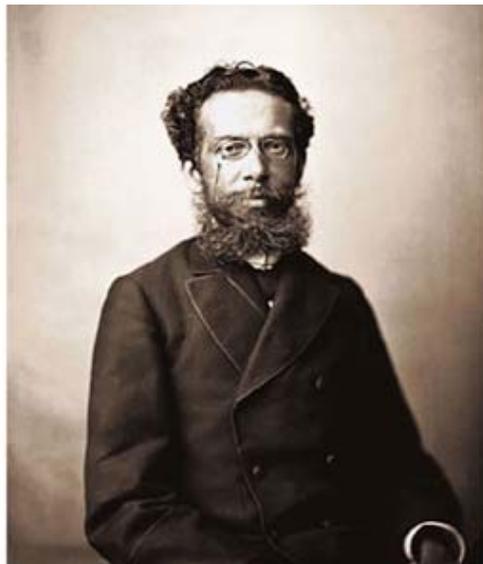
A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável (Assis, 1962, p. 483).

Ou seja, Camilo retorna à sua condição elevada, mas o faz de maneira exagerada e passa a fazer parte do universo cósmico. Vale dizer, Camilo transcende sua própria condição, ampliando-a de tal forma, com tal exagero, que passa a ser parte integrante do cosmo.

É o que Bakhtin denomina de “a doutrina dos quatro elementos”, que é o lugar onde se apagam as fronteiras entre o corpo e o mundo. Estão na mesma relação a natureza infinita e a própria personagem, numa comunhão sem fronteiras. Mas Camilo estava errado. Ao chegar à casa de Vilela encontra a amante morta pelo marido, que o mata, em seguida, com dois tiros. Erro nas previsões da cartomante ou nas crendices do casal?

Não sou eu, leitora, que pretendo dar a última palavra, tentando estabelecer uma verdade que seria apenas mais uma das possíveis versões. O que pretendemos durante o texto foi mostrar o cruzamento das diversas vozes, numa polifonia constante. Deixo, então, para você, meu leitor, a tarefa de encontrar uma das possíveis verdades, após esta leitura. O que farei agora é analisar a voz do narrador, após esta longa trajetória.

Vimos que no primeiro parágrafo o narrador estabelece um diálogo com Hamlet. Mas as palavras que parafraseiam a personagem shakespeariana são, todavia, de Rita. Desta feita, não é o narrador quem legitima o discurso da cartomante, mas a mulher de Vilela. Ele, vivazmente, estabelece o diálogo, distanciando-se de emitir uma opinião a respeito.



Mas quem é este narrador? De onde fala? Como fala? Para quem fala? O que pretende dizer? É um narrador em terceira pessoa, que não está inserido na trama. Ou seja, não é um personagem da história que narra. Seu olhar é distanciados, aristocrático, conservador e pertence a uma determinada elite. Vejam que, a partir do momento em que ele estabelece o diálogo entre Hamlet e Rita, o narrador mostra que detém um determinado conteúdo cultural. Seu olhar sobre a moça é feito de cima para baixo, pois é ele quem diz que a moça não conhecia o autor que ora traduziu e que o fez “em vulgar”. E quando afirma que a cartomante adivinhara tudo, não o disse porque ratificava as previsões da adivinha, mas porque Rita estava satisfeita e tranqüila, lembra, caro amigo? Mais adiante, fala das superstições que Camilo tinha quando jovem e diz que foi a mãe do rapaz que lhe incutiu “um arsenal inteiro de credices”, classificado por ele de “vegetação parasita”. Depois, o narrador vai explicar ao leitor como se deu o trio amoroso. Aí, ele separa, distintamente, as três personagens. Vejamos.

Sobre Vilela, diz que seguiu a carreira de magistrado e que casou “com uma dama formosa e tonta”. Sobre Camilo, diz que “era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição” (Assis, 1962, p. 479). Já a cartomante, uma italiana alta e magra, tinha “olhos sonsos e agudos”. Então temos um narrador distanciados, em posição de superioridade com relação ao objeto narrado, culto e que ironiza, critica e denuncia sua própria sociedade. Quem melhor para falar de uma determinada sociedade do que um membro dela? Teria, então, a cartomante errado nas previsões ou os amantes eram por demais ingênuos para acreditarem nas cartas? Ter a resposta correta é, na verdade, o menos importante. O que importa é perceber que as diferentes vozes se entrecruzam e interagem num diálogo polifônico constante. Mas, e você? Nunca desejou saber o que lhe reserva o destino?

T & M

Texto recebido em março de 2006. Aprovado para publicação em junho de 2006.



VELLOSO, Elizabete. "Polifonia de vozes em 'A cartomante'". *Revista Temas & Matizes* - Unioeste - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - Vol. 5 - Nº 9 - 1º Semestre de 2006, p. 89-96.

---

#### **SOBRE A AUTORA:**

**Elizabete Velloso de Margarido Barbosa da Silva** é Mestre em Teoria e Literatura Brasileira pela Universidade Federal Fluminense. Endereço eletrônico: elizabete@rbleditora.com.

#### **REFERÊNCIAS:**

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. "A Cartomante". In: —. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962 (Volume 2).

—. **Helena**. São Paulo: Editora Três, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

—. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

—. **Questões de literatura e estética**. Trad. Aurora Bernardini, José Pereira Júnior e Augusto Góes Júnior. São Paulo: Hucitec, 1988.

BEZERRA, Paulo. "Dialogismo e polifonia em *Esau e Jacó* de Machado de Assis e *O Duplo* de Dostoiévski". In: **Proceedings of the Eleventh International Bakhtin Conference**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 1999.

VARGAS LLOSA, Mario. **A verdade das mentiras**. Trad. Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

[www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber)